

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
6 de agosto de 2022

DIEVUCHKA S KOROBKOI / 1927

(*"A Rapariga da Caixa de Chapéus"*)

Um filme de Boris Barnet

Realização: Boris Barnet / **Argumento:** Valentin Turkin, V. Charchenevitch / **Fotografia:** Boris Frantsisson, B. Filchin / **Cenários:** Sergei Kozlovskii / **Interpretação:** Anna Sten (Natacha), V. Mikhailov (o avô), Vladimir Fogel (o telegrafista), Ivan Koval-Samborskii (Ilia Snegirev), Serafima Birman (Madame Irene), Pavel Pol (Nikolai Matveitch, o marido), E. Miliutina (Marfucha, a criada), Vladimir Popov (o revisor de bilhetes).

Produção: Mejrabpom-Russ / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em russo, legendagem em inglês e legendado electronicamente em português / **Duração:** 97 minutos, a 17 imagens por segundo / **Estreia Mundial:** 19 de Abril de 1927

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz.

Dievuchka S Korobkoi é apresentado com **Sherlock Jr.**, de Buster Keaton ("folha" distribuída em separado).

Uma crítica de um anónimo fazia, em 1927, a recensão da estreia do filme de Boris Barnet, começando por dizer: "*A comédia é um dos pontos mais vulneráveis da nossa cinematografia artística.*", acrescentando que até então, "*nenhuma obra baseada na utilização dos costumes soviéticos, encontrara o seu estilo particular.*". São raras, pelo que conhecemos, as comédias neste período dos primeiros anos de vida das jovens repúblicas soviéticas. Não que a comédia estivesse ausente do país de Gogol e Tchekov. Simplesmente parecia manifestar-se noutros campos (na imprensa com o jornal satírico "Krokodil", e no teatro com o trabalho da FEKS (Fabrica do Actor Excêntrico). A falta de um cinema satírico, se de facto é real como parece de acordo com a crítica referida ao começo, talvez tenha mais a ver com a falta de material que afectou a URSS nos primeiros anos da existência, (pelo menos até à abertura da NEP (Nova Política Económica lançada por Lenine, que recuperava certas formas capitalistas) impedindo o desenvolvimento duma verdadeira escola satírica, do que com a falta de "*perspicácia, maturidade política e audácia para romper com as máscaras e as formas do cinema estrangeiro*", segundo a mesma crítica. Aliás, a influência do último está longe de se considerar pernicioso, para o que basta lembrar as repetidas afirmações de Eisenstein e outros sobre o que significou para eles e para o cinema que faziam, a visão de filmes de Griffith, de Chaplin (em especial **A Woman of Paris**), de Buster Keaton (com o qual os métodos e estilo da FEKS encontram muitas correspondências) e Harold Lloyd. Como se vê, há uma predominância de autores de comédias na exibição na URSS, e é nesse campo que também se pode incluir os filmes de aventuras de Douglas Fairbanks (nos écrans soviéticos o único rival à altura do **Couraçado Potiomkine** era o **Robin Hood** de Fairbanks/Dwan).

Boris Barnet, descendente de um inglês que se fixou na Rússia depois das guerras napoleónicas, não veio revolucionar o cinema à semelhança dos seus contemporâneos. Depois de ser soldado, pugilista e maquinista auxiliar, Barnet entrou para o Instituto de Cinema de Moscovo, onde seguiu também (como era inevitável) os cursos de Lev Kulechov. E foi com o professor que Barnet se estreou no cinema, como actor nas **Aventuras Extraordinárias de Mr. West... A Rapariga da Caixa de Chapéus** não é o seu primeiro filme, mas é aquele em que se afirma uma certa originalidade, mais do tema do

que no estilo, dado que **Miss Mend**, feito no ano anterior, em colaboração com Fedor Ozep, era, ao que parece, um filme de aventuras no estilo de Kulechov. Com **A Rapariga ...**, Barnet entra por um caminho próprio, não enjeitando as influências facilmente detectáveis de Keaton, Lloyd e Chaplin, mas fazendo delas um modelo onde se encaixa uma visão satírica da sociedade mesclada de uma grande ternura pelos personagens, e uma inesperada simpatia mesmo pelos seus elementos "reaccionários" (Madame Irene e o marido), que me parece ser quase inédita no cinema soviético. É claro que há muitas lacunas a preencher, mas um filme desse estilo não passaria despercebido. Aliás, é na própria filmografia de Barnet que outro título se destaca, nessa tonalidades amenas: **U Samogo Sinevo Morya (À Beira do Mar Azul)** de 1936.

A primeira surpresa de **A Rapariga...** é a sátira que percorre do princípio ao fim e que se refere à crise da habitação. Para que Ilia possa ter um quarto, Natacha apresenta-o aos patrões como seu marido, o que vem provocar uma situação inesperada na casa de Madame Irene dado que o quarto oficialmente atribuído a Natacha era de facto utilizado pelos proprietários para seu exclusivo conforto. Natacha, como vemos logo ao começo, vive nos arredores com o seu avô. Ao problema da reivindicação do quarto que vem provocar uma certa frieza entre os patrões e Natacha, e que dá origem à divertida sequência da mudança dos moveis com o convidado adormecido que fica isolado numa das cadeiras, junta-se o problema do salário da jovem que fabrica chapéus para o *boutique* de Madame Irene. À exigência de Natacha, Nikolai "paga-lhe" com uma acção do tesouro. Segue-se o clássico *gag*, explorado de mil e uma maneiras diferentes, em que a acção é premiada com uma importância mais que generosa (25 000 rublos) e que Barnet desenvolve numa série de divertidas situações em que se cruzam interesse diferentes: da cupidez de Nikolai que chega a pedir Natacha em casamento (esquecendo-se que é casado com Irene) a fim de entrar na posse da fortuna, ao idealismo romântico do telegrafista (o personagem tem o seu não sei quê de *clownesco* bem explorado nos *gags* iniciais, correndo para ver Natacha na estação, e finais, na luta contra Nikolai) que suspira desajeitadamente à sua volta. Natacha, naturalmente, como o espectador espera, preferirá unir o seu destino a Ilia, o seu presumível marido que ocupava o quarto. Este e o telegrafista representam, no fim de contas, as duas faces do mesmo personagem que a comédia americana desenvolvia genialmente naquela mesma época. Barnet divide por dois personagens o que constitui a dualidade das personagens criadas por Chaplin, Keaton e Lloyd. Por um lado, o tímido com uma violência interior que se activa ao ver a sua "donzela em perigo", por outro o jovem que em momentos de crise descobre em si a energia e a força para se impor e resolver a situação: Ilia enfrentando Nikolai e Irene e impondo a sua presença no quarto de Natacha, ou a sua resolução calma e ordenada do problema da acção fase à desordem e anarquia de Nikolai e do telegrafista. Já a "ingénua", essa, segue quase fielmente os padrões da comédia clássica. Para além de "cumprir" a sua missão de ficar em perigo, é ela que, como outras heroínas do género, toma praticamente a iniciativa da sedução do seu desajeitado apaixonado (e sabe também manipular os outros, tal como o telegrafista, como qualquer simpática *flapper* americana sua contemporânea).

A Rapariga da Caixa de Chapéus distribui-se de forma linear e perfeita entre a sátira e a comédia sentimental e conta, de um lado e de outro com excelentes momentos, desde Ilia procurando o rublo sob as cadeiras da estação e emergindo aos pés de Natacha às sucessivas quedas do avô de Natacha ao começo, ou às escorregadelas mais do que simbólicas do telegrafista, ou a caricatura de Irene e do marido com um momento divertidíssimo que é a recepção dos dois aos seus "reaccionários" amigos interrompida pela aparição de Natacha e Ilia. Por outro lado, repare-se na ternura e sensibilidade com que é apresentada a noite que Natacha e Ilia têm que passar juntos com o rato imaginário que se torna real. É toda uma série de pormenores que por si só atestam do talento e da sensibilidade de Barnet que, neste único filme que dele conhecemos, é reforçada por um grupo de actores a todos os títulos notáveis: Anna Sten é uma "ingénua" perfeita e bonita (muito melhor do que nos papéis que interpretou em Hollywood) e Ivan Kova-Samborskii cria um personagem onde a impassibilidade de um rosto à Buster Keaton é por vezes abalada pelo riso aberto de um Harold Lloyd.

A Rapariga da Caixa de Chapéus é uma daquelas surpresas revigorantes que parecem perturbar as ideias feitas sobre cinematografias ou cineastas.